

Luise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa em manuais de português para alemães em princípios do século XX

Eberhard Gärtner

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GÄRTNER, E. Luise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa em manuais de português para alemães em princípios do século XX. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 154-171. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Luise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa
em manuais de português para alemães
em princípios do século XX

Eberhard Gärtner

UNIVERSIDADE DE LEIPZIG

Quando me foi solicitado escrever um texto em homenagem à nossa estimada colega Jacyra Mota, linguista, sobretudo foneticista e pioneira da Geolinguística no Brasil, aceitei espontaneamente o honroso convite, duvidando, porém, se eu, gramático, sintaticista, trabalhando longe do Brasil, poderia contribuir com algum texto que tivesse um mínimo de interesse para ela. Lembrei-me, então, de Luise Ey, pioneira na Alemanha dos estudos portugueses, que, valendo-se das obras do foneticista português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, lançou as bases científicas da descrição da pronúncia do português em manuais dessa língua, editados na Alemanha.

Luise Ey – dados biobibliográficos

Luise Ey,¹ filha de um proprietário de terra e produtor de fósforos, nascida a 18 de fevereiro de 1854 na fazenda Eylungen, no noroeste do atual Estado Federado da Turíngia, estudou música em Berlim, cursou o Seminário para professoras de Lübeck e passou a trabalhar como professora e educadora em Karlsruhe, aperfeiçoando os seus conhecimentos de francês durante uma estadia na França. Em 1883, aceitou trabalhar por três anos como professora de francês numa escola alemã para moças no Porto. Decorridos os três anos, passou a dar aulas de língua em várias cidades de Portugal. Motivada pela amizade com o escultor José Joaquim Teixeira Lopes e seu filho António, estudou desenho histórico e escultura na Academia das Belas Artes do Porto, onde conheceu Carolina Michaëlis de Vasconcelos, grande estudiosa das coisas portuguesas, da qual recebeu os incentivos decisivos para estudar a língua e a literatura portuguesas, mantendo ao mesmo tempo estreito contacto com escritores e artistas do país. Passados treze anos (em vez dos três previstos), voltou, em 1896, para a Alemanha, onde, depois de mais uma estadia em Portugal (1905-1906), passou a empenhar-se na divulgação da língua e da literatura portuguesas na Alemanha. Em 1908, ensinou Português na Escola Superior do Comércio, a partir de 1909, no Instituto Colonial de Hamburgo, aberto a 20 de outubro de 1908 (KALWA, 2004, p.18), e, a partir do semestre de verão de 1910, em uma “docência de duração limitada”. Com a fundação da Universidade de Hamburgo, em 1919, passou a ser professora de língua e

¹ Para os dados sobre a vida de Luise Ey, baseamo-nos em Kalwa, 2004, p.22-29.

cultura portuguesa no Departamento de Filologia Românica (*Romanisches Seminar*). Em 1924, aposentou-se, depois de quase quinze anos de atividade docente dedicada ao português. Faleceu a 17 de maio de 1936, em Hamburgo (KALWA, 2004, p.22).

Luise Ey pertenceu, junto com Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), a um pequeno grupo de intelectuais alemães que, já no começo do século passado, compreendiam a importância da língua portuguesa e dos contactos econômicos e culturais com os países lusófonos, nomeadamente com o Brasil, e que se empenharam em favor da sua divulgação na Alemanha. Assim, ela preparou edições críticas e fez traduções de obras de autores portugueses do século XIX e de princípios do XX e publicou artigos e resenhas sobre escritores portugueses de Gil Vicente a Eça de Queirós.

Mesmo não tendo uma formação específica em Filologia, Luise Ey publicou, em 1904² e em 1909,³ um dicionário das línguas portuguesa e alemã, com indicação da pronúncia segundo o sistema fonético do método Toussaint-Langenscheidt, e preparou, para 1908, a quarta edição, revista e ampliada, da *Kleine portugiesische Sprachlehre* (1900 [1883]) (*Pequena gramática da língua portuguesa*) de Gustav Carl Kordgien, na qual, além de outros melhoramentos, substituiu a breve descrição da pronúncia, sumária e em parte errada, por uma inteiramente nova, baseada sobretudo em Viana (1903), para a qual se serviu da transcrição fonética da Association Phonétique Internationale. Em 1910, editou a sua *Neue portugiesische Konversationsgrammatik*, a qual constituía uma edição revista e ampliada da *Portugiesische Konversations-Grammatik* de Gustav Carl Kordgien, publicada pela primeira vez, e em coautoria com Carl Marquard Sauer, em 1887, com segunda edição em 1899. Alguns artigos de revista de sua autoria tratam de questões da pronúncia do português, inclusive das suas particularidades brasileiras.⁴

Os trabalhos didáticos de Luise Ey, embora criticados em alguns detalhes, entre outros por Adolf Rambeau (KALWA, 2004, p.25, nota 28), tiveram

² EY, Luise. *Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*, mit Angabe der Aussprache nach dem phonetischen System der Methode Toussaint-Langenscheidt, 2. Teil: *Deutsch-Portugiesisch*, Berlin-Schöneberg: Langenscheidt, 1904.

³ EY, Luise. *Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*, mit Angabe der Aussprache nach dem phonetischen System der Methode Toussaint-Langenscheidt von Gustav Rolin, zusammengestellt von Luise Ey, 1. Teil: *Portugiesisch-Deutsch*, Berlin-Schöneberg: Langenscheidt, 1909.

⁴ EY, Luise. Die luso-brasilianische Sprache und ihre Wandlungen. *Die Neueren Sprachen*, v.36, n.5, p.357-362, jul. 1928.

o elogio de reconhecidos filólogos portugueses, como José Joaquim Nunes (cf. a seguir). Manual de Paiva Boléo, que, de 1929 a 1935, foi leitor de Português no Departamento de Filologia Românica da Universidade de Hamburgo, oportunidade em que chegou a conhecer Luise Ey pessoalmente, assim se pronunciou sobre ela em 1936:

Depois de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos — e, sob certos aspectos, ao lado dela — não há seguramente senhora estrangeira, neste primeiro quartel de século, que tenha mais direito, pela sua actividade, dedicação e desinteresse em prol do nosso País, à estima e ao reconhecimento dos portugueses (*Boletim de Filologia*, v.4, n.1-2, p.220, 1936 apud Kalwa, 2004, p.24, nota 23).

A descrição da pronúncia portuguesa na *Kleine portugiesische Sprachlehre*

A *Kleine portugiesische Sprachlehre*, de autoria de Gustav Carl Kordgien, editada pela primeira vez em 1883, continha um capítulo muito curto (4 páginas) sobre a pronúncia das letras do alfabeto português, que era deficiente em alguns pontos, errado em outros. Luise Ey introduziu uma descrição totalmente nova e mais ampla (18 páginas) na quarta edição, de 1908, baseando-se, conforme ela mesma indica na nota prévia da edição, na descrição dada por Viana na sua obra *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes*, de 1903, cujo sistema de signos de transcrição ela simplifica um pouco com o intuito de utilizar um número o mais reduzido possível de signos, renunciando a indicar as diferenças entre “ə e ɘ, ɨ, ɪ, ɪ., ɨ̇ ; u, ʉ, ʊ, ʊ̇” e, por motivos de espaço, a descrever fenômenos da fonética sintática, como também declara na mencionada nota prévia (EY, 1924, p.2).⁵

A descrição das **vogais orais** feita por Luise Ey satisfazia com certeza as necessidades práticas do ensino para principiantes. Ela descreve, na ordem alfabética das letras que as representam na grafia, as sete vogais tônicas ([a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u]), as reduzidas ([ɐ], [ə], [ɘ], [ɨ], [ɪ], [ɨ̇], [ʉ], [ʊ], [ʊ̇]) (embora nem sempre usando o mesmo signo ou signo nenhum), a baixa velarizada [ɑ], a [e] palatalizada em [ɛ] antes de palatal, a [i] aberta antes de [ʃ] ou [u], as semi-

⁵ Devido à dificuldade de acesso à primeira edição, citamos segundo a oitava, de 1924.

consoantes [ɹ] e [w] e as nasais [ẽ], [ã], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [ũ]. A descrição dos sons é feita, em parte com a terminologia ainda hoje usual em Fonética Articulatoria, como, p. ex. “aberto”, “fechado”, em parte com termos hoje considerados não técnicos, como “*hohl*” (‘oco’) (para [ɸ]), ou “*getrübt*” (‘turvado’) para o [o] do ditongo nortenho [ow] e outros sons, e, em muitos casos, seguindo o exemplo de Viana (1903), pela comparação com outras línguas, nomeadamente com o alemão padrão (“[e] – ê, e – como o alemão *ee* em *See* (‘lago’)” (EY, 1924, p.7),⁶ e mesmo com dialetos alemães (“[ũ] [...] como na palavra suábica *Huh*’ (= *Huhn* (‘galinha’))” (p.9) e “[aɹ] [...]; aproximadamente como *beide* no dialeto da Prússia oriental” (p.11). Na apresentação gráfica do sistema vocálico em forma de pirâmide (ou triângulo), que revela a penetração teórica dos dados, a autora foi menos feliz, embora tivesse o exemplo de Viana (1903) e provavelmente também os de Viana (1883, 1892).

Viana, na sua descrição das vogais do português de 1903, apresenta todas as vogais orais, tônicas e átonas, assim como as resultantes de processos de assimilação, em três séries, que correspondem às vogais anteriores, centrais e posteriores. Este sistema constitui uma versão muito mais detalhada do que a pirâmide de 1883, geralmente mais conhecida entre linguistas luso-brasileiros. Distingue-se dela pelo tratamento do [a] num nível próprio;⁷ por uma maior diferenciação das variedades do <i> em anterior, central e aberta (antes de [ɸ] e [u]); pela inclusão das vogais cochichadas [ɸ] (átono entre duas consoantes surdas e final de palavra), [ɛ] (substituto de [ə] ou [i] em sílaba átona em contato com consoantes surdas) e [ɹ] ([ɹ] em contato com pré-palatal surda), assim como pela inclusão do nível das semivogais cochichadas [ũ] e [ĩ] entre consoante surda e a vogal átona [ɸ].

⁶ A tradução das citações para o português em todos os casos é minha. E.G.

⁷ Com esta descrição, Viana atribui ao [a] uma altura (grau de abertura) diferente da do [a], considerado neutro, descrição não seguida por alguns autores, como Krenn e Mendes (1971), que lhe atribuem uma posição recuada (velarizada) na mesma altura do [a], o que transforma a pirâmide (o triângulo) em trapézio e parece mais adequado.

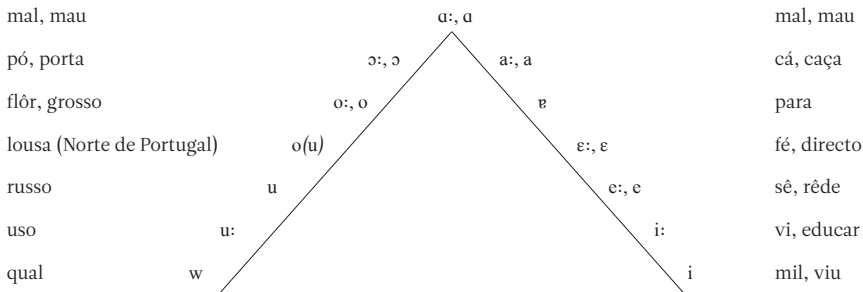
Voyelles orales:

Exemplos:⁸

<i>Neutre</i>		A				<i>má</i>	
<i>Ouvertes</i>	a			<i>mau, mal</i>			
<i>Mi-ouvertes</i>	ɔ	ɐ	ɛ	<i>pó, avó</i>	<i>para, cereja</i>	<i>pé</i>	
<i>Mi-fermées</i>	o	ɔ	e	<i>avó</i>	<i>se, te</i>	<i>sê</i>	
<i>Fermées</i>	u	ɪ	i	<i>cru</i>	<i>tijolo</i>	<i>mil, viu</i>	<i>vi</i>
<i>Voyelles chuchotées¹</i>	u	ɔ̃	ɪ	<i>pato, topar</i>	<i>tapetar</i>	<i>feixe, fechar</i>	
<i>Demi-voyelles</i>	ũ	ɪ	ĩ	<i>água, pau, deu-a</i>		<i>água, pai, maio</i>	
<i>Demi-voyelles chuchotées</i>	ũ		ĩ	<i>fátuo</i>		<i>pátio</i>	

(VIANA, 1903, p.11.)

Luise Ey, provavelmente seguindo a tradição da Fonética Histórica das línguas românicas, empregou o triângulo usual naquela disciplina, o qual organizava os sons do latim vulgar em duas séries somente, uma anterior e outra posterior (EY, 1924, p.10), adaptando, porém, a sua forma à da pirâmide de Viana, com a vogal mais baixa (aberta) no topo, e os sons mais altos (fechados) na base da mesma:



Como resíduo do sistema usado para a descrição do latim vulgar, nota-se a combinação de quantidade e qualidade vocálicas na vogal extrema <u> u- breve e aberta, u: - larga e fechada).

Os signos i: e i, que parecem representar a mesma relação entre vogal fechada e aberta, têm, no entanto, outro significado. O signo i representa indistintamente “uma *i* fechada, tônica ou átona, como a *i* alemã de *Biene*, porém mais curta (vi [vi:], educar [iðu'kar])” e uma *i* breve, aberta, antes de “[t]oco” ([miʔ]) ou [u] ([viu]) (EY, 1924, p.8). Assim, a autora procedeu a uma simplificação considerável da descrição pormenorizada de Viana, justificável, talvez, pelos objetivos práticos do livro. A localização da vogal [i] aberta e da

⁸ Este arranjo dos exemplos em forma de triângulo paralelo ao dos sons, usado também em Viana (1883), é nosso.

recuada antes de [ʔ] acima da [i] fechada, no entanto, é simplesmente errada. Na descrição das vogais médias e baixas, ela evita esse relacionamento entre a quantidade e a qualidade vocálicas.

Outro resíduo da descrição do sistema do latim vulgar é a ausência da série das vogais centrais [A], [ɐ], [ə], [ɨ], e [ɘ], que constitui uma particularidade característica do sistema fonético do português. Isto obrigou a autora a integrar o som [ɐ], que ela descreve como “a breve, que se aproxima um pouco de uma *ä* aberta [i.e. [ɛ] E.G.], sendo igual à a do inglês *beg* ou *vbout*” (EY, 1924, p.7),⁹ na linha das vogais anteriores, entre [a] e [ɛ], embora desde Viana (1883, 1903) se soubesse que a altura do [ɐ] é a mesma do [ɛ] e do [ə]. Também a obrigou a renunciar à inclusão do [ə] no triângulo, embora descreva o som no texto.¹⁰

Por motivos não claros, a autora colocou o som [a], variante posicional velarizada (ou recuada) do [a], no topo do triângulo, embora Viana a excluísse do sistema básico em 1883 e em 1892, descrevendo-a inequivocamente como variante guturalizada por uma [ʔ] a fechar a mesma sílaba (VIANA, 1883, p.21; 1873, p.103), e quando a incluiu, em 1903, lhe atribuiu uma posição recuada em relação a [a], embora com abertura maior (VIANA, 1903, p.11). Como o traço que na verdade opõe [a] a [a] é o [+ recuado], os dois sons deveriam ficar no mesmo nível, de forma que o sistema adotaria a forma não de um triângulo, mas, sim, de um trapézio, como se vê, p. ex., em Krenn e Mendes (1971, p.4). Uma consequência desta organização do triângulo é o facto de que as vogais médias anteriores — (semiabertas e semifechadas) — ([ɛ], [e]) não aparecem no mesmo nível que as posteriores ([ɔ], [o]), fato agravado ainda pela inclusão do som [o], resultante de monotongação do ditongo dialetal [o(u)] (*lousa*) no Norte de Portugal, num sistema que só deveria receber os sons da pronúncia normal do Centro e Sul do país, como fez Viana em todas as suas obras.

Os distintos sons correspondentes a <e>, <i> e <u> átonos, Luise Ey não os inclui no triângulo; descreve-os, no entanto, no texto, mostrando que o [ə] entre consoantes surdas pode ficar quase mudo (*repetir* [rɐp(ə)ˈtir] = [ɘ]) e que o [ɨ] soa fraco antes de palatais sonoras (*tejolo* [sic] [tɨʒolu]), emudece

⁹ Com essa definição, a autora segue Viana, que define o som [ɐ] como “tout à fait semblable à l'a atone de l'anglais *about*” (VIANA, 1883, p.3; 1973, p.85).

¹⁰ Outro motivo para a inclusão do [ɐ] e a não inclusão de [ə], [ɨ], e [ɘ] poderia ser a noção intuitiva *avant la lettre* de o [ɐ] estar em oposição fonológica com [a] nas formas verbais, sendo portanto um fonema, enquanto [ə], [ɨ], e [ɘ] são sempre alofones de /e/ ou /i/.

quase antes de palatal surda (*fechar* [f_ɨ]ʃar] = [ɨ] e soa mais ou menos como [j] antes de vogal (*criado* [krɨa_ɨdu] = [ɨ]). [ɨ] é exemplificado com *disputar* e *barco*; [ũ] aparece sob a forma [w]: *qual* [kwat]. A localização da semiconsoante [w], que ela estranhamente chama de “u redobrado” (EY, 1924, p.10), é adequada. O que estranha é que não considere no triângulo a semiconsoante [j], embora a descreva no texto.¹¹ Na descrição dos ditongos, Ey reúne a semiconsoante dos ditongos crescentes e a semivogal dos decrescentes sob um mesmo signo: [ɨ] e [u], respetivamente. Dos sons [ũ] e [ɨ] (antes de [ɨ]), ela não trata especialmente. No seu triângulo faltam, portanto, os níveis das vogais e semivogais cochichadas.

Com tudo isto, a autora obtém um triângulo de sete graus de abertura (alturas) que não corresponde à realidade da língua falada, motivo pelo qual foi alterado em parte em edições posteriores revisadas por Fritz Krüger.

A descrição das **vogais nasais** é adequada. A autora enumera os seis sons ([ẽ], [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ]), caracterizando-os simplesmente como “nasais” ou “pronunciados pelo nariz” (EY, 1924, p.7), sem entrar nos pormenores fisiológicos da sua produção, explica o som [ã] como resultado da contração de [ɐ] com [ẽ] átono (à *antiga* [ã:n'tigɐ]) e menciona, como Viana (1903, p.16) a pronúncia reduzida de [m] antes de [p, b] e de [n] antes de [t, d]; negligencia, porém, a de [ŋ] antes de [k, g] (p.6-9 passim), registrada também por Viana.

Na descrição dos **ditongos orais**, Luise Ey, seguindo de perto a de Viana, distingue onze ditongos decrescentes ([aɨ], [ɛɨ], [ɐɨ], [ɔɨ], [oɨ], [uɨ] e [au], [ɛu], [cu], [iu], [ou] (EY, 1924, p.11-12) e dez ditongos crescentes ([ja], [jɛ], [jo], [jɔ], [ju]¹² e [ua], [uɔ], [ue], [uc], [ui], renunciando, porém, a esclarecer que em português só são estáveis os decrescentes, e dos crescentes só aqueles que têm a semiconsoante [w] precedida de [k] ou de [g]. No signo do ditongo [iu], ela junta, sem usar signos distintos, os ditongos [iũ] e [iũ], distinguidos por Viana (1903, p.14), descrevendo, porém, no texto a sutil diferença entre a pronúncia de *riu* [rriu] (com *i* aberto) e *rio* [rriu] (com *i* fechado) (EY, 1924, p.15). Entre os ditongos decrescentes, diferentemente de Viana, ela ainda inclui o [ou] de *Douro*.

¹¹ “[ɨ] — *i* e — uma *i* fugaz, semiconsonântica, correspondente a toda *i* e pré-vocálica átona e pronunciada mais ou menos como *j*, conforme siga a uma consoante dura ou mole [sic]: *criado*, *tear*, *fiel*, *viola* [...] [krɨ'adu, tɨ'ar, fi'et, ví'ole]” (EY, 1924, p.8).

¹² Falta [ia] de *real* [rriat], que a própria autora transcreve assim no pequeno dicionário integrado no livro.

O tratamento dos **ditongos nasais** é breve, porque também aqui a autora renuncia a uma descrição pormenorizada dos aspectos fisiológicos da sua emissão, remetendo à descrição das vogais nasais simples. Ela não se esquece, porém, de mencionar que também os sons [ɨ] e [u] “de acentuação débil” são nasais (EY, 1924, p.13), o que, de uma maneira geral, não se tem indicado na transcrição fonética dos manuais de ensino até hoje. Os dados aduzidos são completos. A autora enumera [ẽ̃ɨ], [õ̃ɨ], [ũ̃ɨ] e [ẽ̃u], além de [õ̃ɨ(ẽ̃ɨ)] (de *põem*).

Também menciona, como Viana (1903, p.16), a particularidade brasileira de pronunciar [ẽ̃ɨ] [sic] as grafias *ãe* [sic]; *em* e *ens* (EY, 1924, p.14), negligenciando, como ele, a de [ẽɨ] (em vez de [ẽ̃ɨ]) para o ditongo <ei> e a de [e] (em vez de [ẽ̃]) para <e> antes de consoante palatal.

Dos **tritongos**, Luise Ey diz simplesmente que se compõem de um ditongo decrescente antecedido de *i* ou *u* “de acentuação débil”, a qual nunca é nasal, e aduz os mesmos exemplos que Viana (1903, p.16): *leais*, *fiéis*, *fiéis*, *miau*, *poeira*, *leão* e *leões*, com a sua transcrição fonética.

Para a descrição das **consoantes**, Viana (1903, p.17) dá o seguinte esquema:

Postpalatales	k	g	g̃	ŋ				
	k̃ ¹³	g̃	g̃̃	ŋ̃				
Médiopalatales				ɲ				
Prépalatales					ʃ	ʒ	λ	
					ʃ̃	ʒ̃		
Linguales	t	d	ḏ	n	s	z	l	ʀ
							ʀ̃	rr, r ¹⁴
Labiodentales					f	v		
Bilabiales	p	b	b̃	m				

Como se vê, Viana considera seis zonas de articulação. O modo de articulação não entra no quadro *expressis verbis*, mas nota-se facilmente no arranjo dos sons: oclusivas surdas (k, k̃, t, p), oclusivas sonoras (g, g̃, d, b), oclusivas

¹³ No texto de Ey, o signo diacrítico se encontra à direita e no mesmo nível da letra.

¹⁴ O signo “r” é provavelmente uma gralha tipográfica, pois no original está fora do quadro e não é comentado no texto, onde Viana só trata do [r] simples e do [rr] múltiplo e sua variante uvular [ʀ]. Nos exemplos, alterna com [r].

sonoras fricativizadas (g_ː, g_ː, ð, ʙ), nasais (ŋ, ŋ̃, ɲ, n, m), fricativas surdas (ʃ, ʃ̃, s, f), fricativas sonoras (ʒ, ʒ̃, z, v), laterais (l, l̃, ʎ) e vibrantes (r, rr, r̃).

Nas oclusivas pós-palatais (ou velares) e nas fricativas pré-palatais, Viana distingue duas séries de variantes: uma básica, que ocorre antes de vogais centrais e posteriores assim como antes de consoantes (k, g, g_ː, ŋ, ʃ, ʒ) e outra palatalizada (k̃, g̃, g̃_ː, ŋ̃, ʃ̃, ʒ̃), que ocorre antes das vogais anteriores (e, e, i) e ainda antes de (i, ĩ, ĩ) no caso das fricativas pré-palatais. A mesma distinção é feita para o som de transição pós-palatal [ŋ], cuja variante palatalizada [ŋ̃] ocorre depois de vogal anterior (*língua* [liŋ̃ gũɐ]). Ao lado das oclusivas sonoras, o autor arrola as suas variantes fricativizadas (ʙ, ð, g_ː, g_ː), ressaltando que elas “ne sont pas absolument des fricatives”, já que “elles commencent comme des plosives et finissent comme des fricatives” (VIANA, 1903, p.19).

Na lista de exemplos para cada som que se segue ao quadro e à sua explicação, Viana ainda indica as variantes surdas por assimilação das consoantes sonoras (ŋ̃, ŋ̃̃, ɲ̃, ʎ̃, ʎ̃̃, m̃), que ocorrem em *franco* [ˈfɾãŋ̃ku], *cinco* [ˈsĩŋ̃ku], *santo* [ˈsãŋ̃tu], *faltar* [faɫ̃ˈtaɪ], *perto* [ˈpɛɫ̃tu] e *campo* [ˈkãmpũ].

Luise Ey descreve as consoantes, como as vogais, também na ordem alfabética das letras que as representam, renunciando a uma apresentação em forma de quadro. Para facilitar a comparação com a descrição de Viana, reunimo-las aqui no quadro seguinte, inspirado no de Viana:

k	g	g _ː						
			ɲ					
				ʃ	ʒ	l	ʎ	
t	d	ð	n	s	z	l	ʎ	r̃ rr
				f	v			
p	b	ʙ	m					

A descrição distingue-se da de Viana pelo facto de Ey ter omitido o “som transitório” [ŋ] (e consequentemente a sua variante palatalizada [ŋ̃]), o que ela também faz no texto quando trata da realização reduzida das consoantes nasais finais de sílaba, assim como pela omissão das variantes palatalizadas das fricativas pré-palatais (ʃ̃, ʒ̃) e das oclusivas pós-palatais (ou velares) (k̃, g̃, g̃_ː), omissão que parece justificável por se tratar de um manual para principiantes.

Na descrição das restantes consoantes, segue a orientação de Viana, valendo-se, muitas vezes, da comparação com sons idênticos ou semelhantes do alemão: “*p* e *t* como em alemão, porém sem aspiração” (EY, 1924, p.17); “[*lh*] pronuncia-se aproximadamente como *lj* (foneticamente: *fi*¹⁵)” (p.16). Em outros casos, compara com o francês: “*g* antes de *e*, *i* soa como no francês antes das mesmas vogais” (p.16); “*n* combina-se como *l* com *h*, formando um som palatal, que se assemelha ao francês *gn*” (p.17); ou com o inglês: “*t* soa oco como inglês *ll* em *well*”; “aproxima-se [...] o *d* ao *th* sonoro do inglês” (p.16). A autora chama a atenção para a ausência de aspiração nas oclusivas surdas assim como para a pronúncia fricativizada das oclusivas sonoras em posição intervocálica ou entre vogal e consoante sonora, introduzindo os signos [b̥, d̥, g̥].

Como se vê, a descrição compreende praticamente todos os sons consonânticos do português normal europeu, com exceção do [ŋ].

Apesar de a autora não usar a terminologia dos traços fonéticos, hoje indispensável, a sua descrição é por vezes bastante detalhada, por exemplo, quando alude à pronúncia das vibrantes simples ([r], a [ɹ] de Viana) e múltipla ([rr]) em função do seu entorno: [r] depois de consoante na mesma sílaba (*preto*), em posição intervocálica (*caro*) e em final de palavra (*flor*); [rr] em posição inicial de palavra (*rei*) ou depois de *l*, *n*, *s* (*bilro*, *honra*, *Israel*), assim como <rr> em posição intervocálica (*carro*). Tratamento igualmente detalhado recebe a pronúncia de <s> e <z>.

A *s* tem pronúncia diferente de acordo com a sua posição.

- a) A *s* inicial de palavra é surda. A nossa transcrição da *s* surde é *s*: *sal* [saʃ] “Salz”.
- b) A *s* final, que se pronuncia como *sch* antes de pausa ou antes de consoante surda (*p*, *q*, *t*, *c*), notam-la *ʃ*: *isto* [iʃtu] “dies”.
- c) Esta *s* final, antes de consoante sonora, pronuncia-se *z* [...], notando-se assim mesmo: *rasgo* [ˈraʒgu] “Zug”, *lesma* [ˈle:zmə] “Schnecke”.
- d) Quando a *s* final se encontra antes de uma vogal, junta-se a ela, transformando-se em *s* sonora [z]: *as asas* [əzˈazə] “die Flügel”.
- e) A *s* entre vogais é pronunciada sonora [z], a não ser que a vogal precedente faça parte de um prefixo (caso em que agora o *s* se redobra): *rosa* [ˈrɔzə] “Rose” [...]; mas *resentir* [ˈrɛsɛ̃ˈtir] (em ortografia nova *ressentir*).

¹⁵ Ey usa o signo *fi* do alfabeto fonético da Association Phonétique Internationale, ao qual, na verdade, corresponde outro valor fonético, certamente pela semelhança gráfica com a sequência *lj* e por simbolizar melhor a simultaneidade de produção dos dois sons.

Nota: No Brasil a s sob a), d) e e) é pronunciada como no português, a sob b) (*s impurum*) também como *s pura*, a sob c) como z, portanto *as moscas* = *ez moskēs* (EY, 1924, p.17-18).

Como a autora parte da letra para o som, ela dedica uma descrição detalhada à pronúncia da letra <x>, aduzindo exemplos com os sons [ʃ] (*xadrez*, *feixe*, *expor*), [ks] (*xilógrafo*, *fixo*), [s] (*auxílio*) e [z] (*exército*), com a sua devida transcrição fonética.

Um parágrafo é dedicado às “consoantes surdas”, onde trata, além do <h>, de letras não pronunciadas na ortografia da época, como em *Jaco(b)*, *au(g)mento*, *conde(m)nar*, (*p*)*salmo*. Neste contexto também menciona a função das letras <c> e <p> de indicar a pronúncia não reduzida da vogal átona antecedente: *actual* [atú atʃ], *adoptar* [aðótʃar].

Segue-se um parágrafo dedicado à acentuação, em que descreve, resumida mas corretamente, as regras da acentuação fonética (e gráfica). Em forma de notas, repete, neste parágrafo, observações já feitas anteriormente (EY, 1924, p.8) sobre a pronúncia de <i> átono como [ə] em sílaba pretônica antes de tônica com [i] (*divide* [dʒóvi:ðə]) e integra um longo trecho, onde apresenta nove casos em que <e> átono é pronunciado [i] em vez de [ə]: (1) inicial de palavra (*elogio*), (2) diante de palatal (*adejar*), (3) depois de palatal em posição final de palavra (*sége*), (4) em formas derivadas, em que *e* tônico se torna átono (*resto* > *restante*), (5) antes de vogal ou ditongo nasal (“muito breve” [i] (*leal*, *leão*), (6) nos ditongos <ãe>, <õe(s)> (*mãe*, *corações*), assim como nos ditongos <ae, óe(s), ue(s)> da ortografia antiga (*pae*, *heróes*), (7) entre consoante surda e vogal final de palavra, também surda (*pátio*), (8) na sílaba flexional <-es> (*favores*, *deves*) e (9) na conjunção *e*, “que soa i ou i̇”, “igualmente a <e> final de *que*, *me*, *te*, *se*, assim como a <e> final de *êle*, *entre* e de formas verbais quando está antes de vogal inicial”: *que é isto* [kieiʃtu]? *êle* e *eu* [eli:eu] (EY, 1924, p.16).

O subcapítulo *Phonologie*, em que Viana trata da sílaba, da metafonía e da fonologia sintática, não foi integrado por Luise Ey na sua descrição.

Resumindo, pode-se constatar que, apesar de alguns defeitos de caráter bem mais teórico, explicáveis em parte pela falta de uma formação filológica da autora, e que também se manifestam no arranjo do material fônico, a descrição dada, nomeadamente a descrição dos sons, inclusive a de certos processos de variação posicional, correspondiam às necessidades práticas de um livro para principiantes e estavam de acordo com a descrição usual dos sons

em manuais naquela época. Em edições do livro posteriores ao falecimento da autora, Fritz Krüger corrigiu a maioria dos defeitos mencionados (cf. abaixo).

A descrição da pronúncia portuguesa na *Portugiesische Konversationsgrammatik*

A descrição da pronúncia portuguesa na *Portugiesische Konversationsgrammatik*¹⁶ é mais volumosa, compreendendo 57 páginas. Começa com uma tabela dos signos de transcrição fonética, com breve explicação dos signos e exemplos. O núcleo do capítulo é constituído pelas “Regras para a pronúncia do português”, que compreende vinte páginas e é quase idêntico ao respetivo capítulo da *Kleine portugiesische Sprachlehre*. A autora melhora a exposição, simplificando aqui, introduzindo novos detalhes acolá, alterando às vezes o arranjo do material fônico e das explicações, tudo com o efeito de maior clareza e simplicidade da exposição. A maior alteração talvez seja a renúncia à indicação da quantidade silábica mediante o signo [ː], que desapareceu de quase todo o texto.¹⁷ Melhoramentos pontuais são a introdução de algumas observações sobre a natureza da crase (EY, 1921, p.7), a introdução do [w] surdo (o [û] de Viana) em *vácuo* [ˈvakwɨ] (p.10).¹⁸ Ao falar dos ditongos decrescentes, ela acrescenta “ou verdadeiros” (p.12) e aos ditongos crescentes, “ou falsos” (p.13), reconhecendo, então, a particularidade do português de só conhecer como estáveis os ditongos decrescentes (e os crescentes com o *u* de *qu*), e explica o carácter não silábico de *i* e *u* (p.13). Mas a autora não modifica a estrutura da pirâmide das vogais (só lhe tira os sons longos), e o som [ŋ] continua faltando.

As novidades da descrição na *Konversationsgrammatik* são muitas. Encontramos uma lista que relaciona as qualidades vocálicas em sílaba tônica e sílaba átona, antes de consoantes e antes de vogais (EY, 1921, p.24–25, §15.), como se vê no seguinte extrato:

¹⁶ O termo *Konversationsgrammatik* não tem, a nosso ver, correspondente em português. A edição inglesa leva o título *Portuguese Conversation-Grammar*, a francesa é intitulada *Grammaire portugaise*, simplesmente. Trata-se de um manual para discentes com conhecimentos básicos, que combina trechos de gramática com textos e exercícios.

¹⁷ Constitui uma incoerência a manutenção de [i:] e [u:] na lista do parágrafo 15.

¹⁸ Falta, no entanto, a inclusão do [i] de *pátio*.

A. Antes de consoantes

1. Primeira sílaba tônica:

a : [falə] = fala *er, sie spricht* (a clara passa a ə turvada)

[...]

ɐ : [lɛɐə] = lenha *Brennholz* (ɐ turvada passa a i.)

[...]

2. Primeira sílaba átona

ɐ : [fɛ'lar] = falar *sprechen*

i : [lɪ'ɲɛru] = lenheiro *Holzfäller*

B. Antes de vogais

[...]

ɐ : [sɛɐə] = ceia *Abendessen* (ɐ torna-se i) [sic]

[...]

ɪ : [sɪ'ar] = ceiar *zu Abensessen*

Seguem-se um parágrafo sobre a apofonia (§16 *Ablaute*) e outro sobre a metafonia (§17 *Umlaute*), uma longa lista dos “distintos valores fonéticos de cada letra do alfabeto português” (EY, 1921, p.27-45, §18), seguida, dentro do mesmo parágrafo, de um “rol das palavras que em sílaba átona têm a puro [a], e aberto [ɛ] ou o aberto [ɔ]” (EY, 1921, p.45-48), um parágrafo sobre a “ligação das palavras e consequentes alterações fonéticas” (EY, 1921, p.48-49, §19) com uma “Apresentação e aplicação das regras dadas acima em um texto coerente” (EY, 1921, p.48-51, §20), onde reproduz o *Padre Nosso* com a transcrição fonética e tradução para o alemão, de Viana (1903), um parágrafo sobre divisão silábica (EY, 1921, p.51-52, §21), uma lista de homófonos (EY, 1921, p.52-53, §22), e outras duas de homógrafos, sem acento diferencial e com ele (EY, 1921, p.53-55, §§23, 24), e, finalmente, três parágrafos sobre, respectivamente, letras iniciais (§25), abreviaturas (§26) e sinais de pontuação (§27).

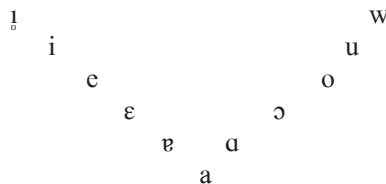
Esta descrição detalhada, apesar de um ou outro defeito, constituía, na sua época e durante muito tempo, a melhor descrição da fonética portuguesa em língua alemã, antes do advento da Fonologia Portuguesa, que na Alemanha só se deu com dois artigos de Helmut Lüdtke de 1952 e 1953, respectivamente. Assim se compreende que o conhecido filólogo português José Joaquim Nunes, já em 1912,¹⁹ tenha classificado a *Neue portugiesische Konversations-Grammatik* como “um verdadeiro tratado teórico-prático da língua actual”.

¹⁹ NUNES, José Joaquim. Portugiesische Sprache. In: VOLLMÖLLER, Karl (Ed.). *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, 12,1-1 (1909-1910). Erlangen: Junge, 1912. p.229 (apud KALWA, 2004, p.25, nota 27).

Modificações introduzidas por Fritz Krüger na *Kleine portugiesische Sprachlehre*

Depois do falecimento de Luise Ey, em 1936, os seus dois manuais foram trabalhados para novas edições por Fritz Krüger, catedrático extraordinário desde 1924, catedrático ordinário de Filologia Românica a partir de 1928 e, desde 1933, diretor único do Departamento de Filologia Românica de Hamburgo. Em 1939, Krüger preparou a quinta edição da *Portugiesische Konversationsgrammatik* e, em 1948, a décima primeira da *Kleine portugiesische Sprachlehre*, que saiu em 1949 sob o simples título *Portugiesische Sprachlehre de Luise Ey, edição refundida por Fritz Krüger*.²⁰

Krüger, conforme declara no prefácio de 1948, reescreveu e ampliou o capítulo sobre a pronúncia. O capítulo, agora intitulado “Pronúncia e ortografia”, traz primeiro um quadro dos signos fonéticos, quase idêntico ao de Ey (1921), no qual, além de simplificar e precisar algumas descrições, substituiu o signo [fi] para o dígrafo <lh> pelo signo [λ] e introduz o som transitório [ɲ]. Na apresentação gráfica das vogais, ele diz basear-se em Viana (1903), mas exclui, como Ey, a série das vogais centrais. Como se limita a apresentar as vogais tônicas e as semivogais, excluindo as variantes reduzidas de <e> e <i>, o único problema que lhe resta é a distribuição das variantes de <a>. Seguindo Viana, coloca [a] no topo da pirâmide, [ɑ] na linha das vogais posteriores entre [a] e [ɔ], e [ɐ] na linha das vogais anteriores entre [a] e [ɛ]. Com isso, considera o traço [+recuado] do [ɑ], mas atribui-lhe outro grau de abertura; no [ɐ] ignora os traços [+central] e [+semiaberto]. Mas, no seu triângulo, as aberturas idênticas das vogais anteriores e posteriores semiabertas, semifechadas e fechadas e as semivogais ficam finalmente no mesmo nível:



(KRÜGER; EY, 1958, p.3.)

²⁰ Citamos pela reedição não modificada (KRÜGER; EY, 1958).

Segue-se o capítulo “Os sons isolados”, em que, partindo das letras, e em ordem alfabética, assinala-lhes os distintos valores fonéticos. Começa dando o rol dos sons correspondentes à respetiva letra, para depois tratar de som por som, dando uma breve descrição, às vezes fisiológica (p.ex.: “[a] com elevação da parte posterior da língua, antes dos sons palatais [t] e [u] na mesma sílaba: falta [ˈfəʔtə] [...] Fehler, causa [ˈkauzə] Ursache” (KRÜGER; EY, 1958, p.3). Nas vogais, os distintos sons são classificados segundo o carácter tônico ou átono da sílaba. Fora algumas modificações nos detalhes, o capítulo segue de perto o texto do capítulo “Distintos valores de cada letra do alfabeto português” de Ey (1921, p.27-45).

Uma novidade, que mostra a maior penetração teórica, é a introdução de um subcapítulo dedicado aos sons nasais, onde Krüger trata dos mesmos sons que Ey (à exceção de [õ̃(ẽ̃)] *põem*), mas sistematiza melhor a descrição, comparando inicialmente o grau de nasalidade e o timbre das vogais nasais com as do francês, língua amplamente conhecida na Alemanha, ressaltando o carácter mais fechado das nasais portuguesas, especificando os casos em que se produz uma consoante nasal após a vogal, considerando também o [ŋ] em *banco*, mencionando a nasalação tanto regressiva como progressiva do português, mostrando particularidades decorrentes da posição na palavra (I. final de palavra: *-ã, -im, -om, -um*; II. interior de palavra (com consoante nasal transitória antes de bilabiais, dentais e velares); III. inicial de palavra: *em-, en-* [ɪ]) e tratando dos ditongos nasais, fatos, na sua maioria, também descritos por Ey, mas agora melhor sistematizados. O subcapítulo sobre os ditongos orais é relativamente curto e não traz nada de novo, aquele sobre a harmonia vocálica, que se lhe segue, retoma os dados do parágrafo sobre a apofonia (§16 *Ablaute*) de Ey (1921). O trecho seguinte, “Os sons em grupos”, trata da ligação das palavras, sistematizando os fenômenos segundo os sons em contato (I. C+V, II. C+C, III. V+V). Seguem-se trechos sobre a acentuação fônica, quatro pequenos textos de quatro linhas com transcrição fonética, um trecho sobre os signos ortográficos (cedilha, til, apóstrofo, hífen), um trecho sobre os acentos gráficos, outro sobre os sinais de pontuação e – uma novidade – um trecho sobre as particularidades da ortografia (usos mantidos no Brasil depois do Acordo Ortográfico de 1931) e da pronúncia brasileiras, onde menciona (1) a pronúncia menos reduzida das vogais átonas (<e> e <o> pré-tônicas: [e] em vez de [ɛ], [o] em vez de [u] (*pequeno, senhora; cobrar*); <-e> final de pa-

lavra (*gente, noite*) tendendo a [i]; (2) os ditongos <ei> e <ou> pronunciados [e] e [o], respetivamente (*brasileiro, brasileira; pouco, andou*); (3) as desinências -cio e -cia pronunciadas muitas vezes -ço e -ça: *negócio > negoço, sacrifício > sacrificço; paciência > paciênça*; (4) debilitamento e queda das consoantes finais <l> e <r>: *me(l), genera(l); canta(r), chove(r)*; (5) pronúncia popular [i] de <lh>: *palha* [paḷiə], etc., (6) pronúncia de <s> e <z> finais de palavra como [s] (antes de pausa ou consoante surda: *seis, dez; seis peras, dez peras*) e [z] (antes de consoante sonora: *seis maçãs, dez maçãs*), em vez de [ʃ] e [ʒ], respetivamente.

Vê-se que as informações são imperfeitas e heterogêneas quanto ao nível diacrático descrito, mas mostram grande interesse pelo Brasil.

Conclusão

Espero ter mostrado como Luise Ey, pioneira dos estudos portugueses na Alemanha, conseguiu aplicar os ensinamentos de Gonçalves Viana aos fins didáticos, primeiro em um manual para principiantes, depois, com correções, melhoramentos e inclusão de mais dados, em um manual para avançados, e como parte da sua descrição entrou, inteiramente remodelada pela pena de Fritz Krüger, nas edições do livro posteriores ao seu falecimento, tornando-o uma base sólida para os discentes do português, também no ensino universitário.

Referências

- EY, Luise; KORDGIEN, Gustav Carl: *Kleine portugiesische Sprachlehre* (Methode Gaspey-Otto-Sauer), korrigiert und umgearbeitet von Luise Ey. 4.ed. Heidelberg: Groos, 1908. Edições posteriores: 5.ed., 1912; 6.ed., 1916-1919; 7.ed., 1921; 8.ed., 1924; 9.ed., 1928; 10.ed., 1936.
- EY, Luise. *Neue portugiesische Konversations-Grammatik*. Heidelberg: Groos, 1910. Edições posteriores: 2.ed., 1914; 3.ed., 1921; 4.ed., 1926.
- KALWA, Erich. *Die portugiesischen und brasilianischen Studien in Deutschland (1900-1945): ein institutionsgeschichtlicher Beitrag*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004.
- KORDGIEN, Gustav Carl. *Kleine portugiesische Sprachlehre*. 3.ed. Heidelberg: Groos, 1900 [1883].

KORDGIEN, Gustav Carl. *Portugiesische Konversations-Grammatik*. 2.ed. Heidelberg: Julius Groos, 1899 [1887].

KRENN, Herwig; MENDES, M. Adélia Soares de Carvalho. *Modernes Portugiesisch: Grammatik und Lehrbuch*. Tübingen: Niemeyer, 1971.

KRÜGER, Fritz; EY, Luise. *Portugiesische Sprachlehre. Methode Gaspey-Otto-Sauer*. 11.ed. Heidelberg: Julius Groos, 1949. Edições posteriores: 12.ed.,1958; 13.ed.,1962.

KRÜGER, Fritz; EY, Luise. *Portugiesische Konversationsgrammatik*. In neuer Bearbeitung von Fritz Krüger. 5.ed. Heidelberg: Groos, 1939.

LÜDTKE, Helmut. Fonemática portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa, n.13, p.273-288, 1952; n.14, p.197-217, 1953.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Portugais: Phonétique et phonologie. Morphologie. Textes*. Leipzig: Teubner, 1903. (Viëtor, Wilhelm: Skizzen lebender Sprachen, 2. Portugiesisch).